

ESCRITOS JURIDICOS

POR

LUIZ NOVAES

ADVOGADO E NOTARIO

PORTO

○ Uma acção de simula-
ção, sem base legal e sem
provas sufficientes. ○ ○

○ ○ Um imaginario caso de
bruxedo, armado, grotesca-
mente, em adminiculo de
prova!... ○ ○ ○ ○ ○ ○

MINUTA DE APPELLAÇÃO.

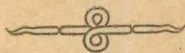
POR PARTE DE

Francisco Gonçalves e mulher

DA COMARCA DE PONTE DO LIMA

Advogado:

Luiz José de Abreu do Couto de Amorim Novaes.



PORTO

Composto e impresso na Typographia a vapor da Empreza Guedes

242, Rua Formosa, 248

1908



B)
47.95
NOV

MINUTA DE APPELLAÇÃO

POR PARTE DOS APPELLANTES

Francisco Gonçalves e mulher, de Poiares, comarca de Ponte do Lima

Temos na mais elevada conta o talento e grandes aptidões de jurisconsulto do
mui distincto e erudito magistrado, que proferiu a veneranda sentença, cuja **revo-**
gação, aqui, vimos pedir, convicta e esperançadamente.

E é-nos, sempre muito grato testemunhar-lh'o, não como um cumprimento banal de méra cortezia, mas como um preito de irrecusavel justiça, que se impõe, como um **dever** indeclinavel, a todo o polemista leal.

... De resto, bem sabemos que a nossa competencia juridica, de uma modestia muito **terra a terra**, é destituída de toda a valia, para imprimir relêvo e brilho a qualquer reputação e, muito mais, a quem a tem, já agora, tão solidamente firmada e de superior destaque, em a nossa magistratura.

Enfrentando a causa, confessamos que não foi sem certas apprehensões, que nos decidimos a acceitar o mandato dos Réos, ora Appellantes.

... E' que ella não nos era inteiramente estranha, nas suas linhas geraes, de

ataque e de defeza; e — como succede sempre, em todas as lutas — no nosso espirito havia-se accentuado, em tempo, uma pendente, mais ou menos benevola, para o primeiro grupo dos contendedores.

Desconheciamos, porém, a prova, que, n'estas acções, é de capitalissima importancia, ou, melhormente, haviam-nos chegado rumores d'ella, como uma das mais curiosas e incidentadas das que, nos ultimos tempos, se tinham produzido na comarca de Barcellos, tão fertil, sempre, em **pleitos**, offerecendo larga margem para o estudo dos mais intrincados casos de jurisprudencia pratica e constituindo, sob esse ponto de vista, uma « **verdadeira escola** », no dizer, conceituoso e frisante, de um dos mais illustres magistrados, que por alli passaram, deixando de si um rasto luminoso.

Mas esses rumores chegaram-nos, tão confusos e avariados e pejados das mais encontradas apreciações, feitas ao sabôr de cada um dos grupos de pleiteantes, que era impossivel ter-se sobre este curioso caso, uma opinião — já não dizemos assente — mas, mais ou menos, formada, com probabilidades de exito.

Hoje — havendo, no desempenho do **mandato**, que nos foi confiado, procurado entrar a fundo no estudo e apreciação da causa e da sua tão profusa e emmanhada prova, que ahi se desenrola n'estes volumosos autos — reconhecemos, mais uma vez, que tem, sempre, muito de arriscado e compromettedor toda a facilidade, que haja em receber uma opinião, em favonear um juizo, tratando-se de causas d'esta categoria, sem ter d'ellas um perfeito conhecimento.

E — pois que, hoje, julgamos possuil-o — lamentamos ter de nos manifestar em

discordancia com um espirito brilhante, que muito admiramos e respeitamos e com o qual, tantas vezes, nos havemos encontrado de perfeita conformidade.

Verdade seja que — ao passo que os Réos, ora Appellantes, se haviam preocupado, mais especialmente, na sua brilhantissima **allegação** de fls. 986, dos **aspectos juridicos** da questão — os Auctores, ora Appellados — pela penna, toda vibrante e nervosa e energica, do seu talentoso patrono — haviam virado e revirado a prova, sob todas as **fórm**as e **feitios**, ora sacudindo-a e compondo-a, ora amaciando-lhe as asperezas e corrigindo-lhe as inverosimilhanças, e pondo, enfim, no mais alto relêvo e com um mirabolante *mise-en-scène*, de effeitos previstos e imprevisitos, todas as circumstancias, mais ou menos picarescas, que a accidentaram e que melhormente serviam os seus **fins** e **intuitos**.

... Assim, tambem não é muito para estranhezas que o douto julgador lhes fosse no encalço, enleiado n'essa vistosa **parada de forças**, tão a primôr disciplinada e posta em linha pelo nosso illustre e distinctissimo collega, e que, ao passar-lhe **re-vista**, aquelle magistrado — que ao seu saber allia os predicados de um estylista, do mais vivo e intenso colorido — a distinguisse com a classificação de «**cortejo imponente**» e de uma quasi «**unanimidade esmagadora**».

Vamos vêr se conseguimos desvanecer este... **deslumbramento**, que produziu a turbacão de tão claro espirito, levando-o a decretar a condemnação dos Réos, não só:

a) a **abrirem mão** dos predios vendidos, com seus **fructos** e **rendimentos**; mas, tambem:

b) solidariamente nas **custas**, incluindo 30\$000 réis de **procuradoria**;

c) na **multa legal**, como **litigantes de má fé**; mais

d) na **indemnisação** de 20\$000 réis para os Auctores:

— emfim, uma condenação em fórmula, em toda a linha e com a carga toda, como é de uso dizer-se.

Para attingirmos o fim, a que visamos, começaremos por fazer:

uma resenha dos principaes **fundamentos** da **sentença appellada**, seguindo-a

d'um **quadro synoptico** da **prova testemunhal** dos Auctores, para, á face d'ella, fazermos a **refutação** das **conclusões** da mesma sentença.

Por ultimo, e **ex-abundanti**, seguir-se-ão, tambem, algumas considerações sobre a **prova** dos **Réos Appellantes**, fechando com a exposição e apreciação da **questão de direito**, que, a nosso vêr, ainda está em pé, e que, aliás, já foi superiormente tratada na **allegação** perante a 1.^a instancia.

I

Fundamentos da veneranda sentença appellada

1.º

«Que, na escriptura de compra e venda, as partes contractantes declararam que, sobre os **predios vendidos**, existiam **encargos**, que na verdade sabiam não existir, nem entre elles foram convencionados; sendo, pois, essa compra e venda um **contracto simulado**, consoante o expresso e terminante preceito do § unico do art. 1031.º do Cod. Civ.»

2.º

«Que — sendo de mais de 1:000\$000 réis os **preços**, que figuram nas **escripturas** de fls. 14, 19, 22 e 25 e no **documento particular** de fls. 28, e achando-se reconhecido que o vendedor fizera **bemfeitorias** — resulta manifesta a **necessidade** (sic) d'aquella **simulação**.»

3.º

«Que, além d'isso — pela vistoria, que decorre de fls. 1037 a 1068 e que abonára triumphalmente a asseveração das testemunhas, no sentido de que os predios vendidos tinham o valor de 2:000\$000 réis — se verificára que, segundo o perito dos Auctores, esses predios tinham o valor de 2:193\$660 réis e, segundo o **perito de desempate**, que valiam 1:958\$000 réis.»

4.º

«Que o finado vendedor tinha a **ideia fixa** de que os paes o quèriam *matar*, para herdar o que elle tinha e, d'ahi, o seu proposito firme de que nada herdariam.»

5.º

«Que a **simulação** da escriptura se impõe ainda por outro fundamento: — pela **simulação** do proprio preço do **contracto**, levando-o a essa convicção os seguintes **indícios**:»

a) «que nem este preço **existiu**, resulta dos **depoimentos**, das **asseverações**, que, em geral, fizeram as **testemunhas**, de que o vendedor nenhuma **necessidade** tinha de vender e, muito menos, por tão pouco e, ainda, da voz geral e convicção das mesmas **testemunhas**, no sentido de que a **venda** fôra puramente phantastica;»

b) «que, na freguezia d'Alheira, em vista da sua geral pobreza, ha mais quem compre a pequena propriedade do que a grande;»

c) «que accrescem as **presumpções**, emergentes da escriptura ser feita na **casa** do comprador, de **differente freguezia** e **comarca** e de, no **acto d'ella**, não ser **contado dinheiro** algum, limitando-se o vendedor a declarar **já recebido o preço**;»

d) «que, tambem, está n'esse numero o facto de ser ella lavrada, quando o vendedor já tinha a **saude arruinada e perdida**, e quando — **victimado** por **jejuns** ou **outros expedientes** — estava proximo da **morte**, sendo n'estas circumstancias a **reserva** do **usofructo** quasi uma **si-necura**;»

e) «que, emfim, o **facto de vender** por 10\$000 réis todos os seus **mo-**

veis, sem esta **reserva**, toca as raias do inverosimil e persuade, igualmente, da **simulação**, porque, sem elles e ás **portas** da **morte**, não poderia o infortunado vendedor continuar a habitar na **casa**.»

Antes de entrarmos na apreciação e critica d'estes **fundamentos**, seja-nos permittido salientar que o douto juiz recorrido tanto não julgou muito seguros o **primeiro** e **segundo**, que, em periodo novo e logo a seguir, começou por estas palavras:

... «Mas é **mais completa** e intensa a luz, que irradia, viva e tristemente fulgurante, do quadro d'aquelles depoimentos» (das testemunhas dos Auctores).

... «Demonstram elles, n'um **cortejo imponente** e n'uma quasi **unanimidade esmagadora**...»

... E n'este ponto, faz o douto magistrado uma resenha completa dos referidos depoimentos, terminando por estas palavras:

«Eis ahi evidenciados a toda a luz (no 1.º e 2.º fundamentos e no tal quadro, ou sómente n'este?... ¹) os **intuitos** d'aquella **simulação** e os **effeitos**, bem eloquentes, que affirmam a **obra de mystificação e ruina**, com que os Réos lograram, em beneficio proprio e prejuizo dos Auctores, **vietimar** o infeliz vendedor, e que teve como **epilogo a morte** d'este, quarenta dias após a arguida escriptura de fls. 34.»

¹ Deve ser no quadro, porque — «encargos que não existem e que se mencionam como necessidade de simular um contracto», nunca tiveram por epilogo a morte de ninguem, nem representam uma obra de mystificação e ruina...

«De resto, essa obra é, sob um aspecto grosseiro, a obra de todos os **simuladores.**»

E — visto que o douto julgador
tanta importancia e credito ligou a esses **depoimentos**, achando tão
«**intensa a luz** que d'elles irradia»; e

«que, n'um **cortejo imponente** e n'uma quasi **unanimidade esmagadora**, elles demonstraram os fundamentos da acção» —

exhibamos, desde já, o **quadro d'esses depoimentos**, com as respectivas **instancias**, deixando para o fim os **commentarios**.

II

Testemunhas dos Auctores

1.^a

Depoimentos	Instancias
Segundo é corrente , os Réos Francisco Gonçalves e mulher dedicavam-se á feitiçaria e faziam-se acompanhar pelo Barbosa, que lhes servia de anjinho (fls. 159).	... Só por ouvir dizer no publico e só por isso, é que sabe que o Barbosa frequentava muito a casa dos Réos, e que estes se dedicavam á feitiçaria (fls. 163 v.).
E' publico e corrente que os mesmos Réos lhe mettiam na cabeça que	Não podia dizer o nome de uma unica pessoa a quem ouvisse dizer

Depoimentos

não fosse a casa dos paes (fls. 160) e isto o confirmou ao depoente o Barbosa (fls. cit.).

E' **publico** que os mesmos Réos o tinham **enfeitado** e quizeram que elle **jejuasse** durante seis mezes a pão e agua (fls. 159 v.).

E' tambem **publico** e **corrente** que o Barbosa fizera **venda phantastica** de tudo quanto tinha (fls. 160 v.).

E' **publico** que na noite, etc. (fls. cit.).

E' **publico** que aquella venda phantastica, etc. (fls. 161).

Instancias

que os mesmos Réos metteram na cabeça do Barbosa que os paes não gostavam d'elle, etc. (fls. 164), **suppondo . . .**, etc.

Só por **ouvir** dizer no **publico** e **só por isso**, é que sabe que os mesmos Réos aconselharam ao Barbosa o tal jejum de seis mezes, a pão e agua (fls. 163 v. e 164), mas não póde precisar **uma unica pessoa, a quem o ouvisse** (cit. fls. 164).

Não póde precisar o **nome** de **uma unica pessoa, a quem ouvisse** dizer que a venda era **phantastica** (fls. 165 v.).

Segundo **ouviu dizer; . . .** tambem **ouviu dizer; . . . não sabe; . . .** tambem **não sabe; . . .** tambem **não sabe . . .** (fls. 165 v.).

E' **publico** que, quando o Auctor procurava o filho em casa, lh'o negavam, mas não sabe se é verdade (fls. 166 v.).

Depoimentos

E' tambem **publico** que os Auctores,
etc. (fls. 161 v.).

Instancias

Affirma, com inteira **convic-**
ção, que o Barbosa não andava **tolo**,
nem **nunca** lhe **constou** que o
tivesse estado (fls. 163).

2.ª

E' **publico** que o Barbosa andava
amancebado com a feiticeira (fls.
179).

E' **publico** que o Barbosa servia de
anjinho (fls. 179 v.), e é publico que
na bocca da Ré feiticeira, o Barbosa mor-
reu por anjo (fls. 180).

E' **publico** que a venda é **phan-**
tastica (fls. 181).

Não póde precisar o **nome** de **uma**
unica pessoa, a quem ou-
visse dizer que o Barbosa andava
amancebado com a Ré, mulher do
Francisco Gonçalves, mas era isso **pu-**
blico! . . . (fls. 192).

E' **publico** ter a mesma Ré dito
que o Barbosa morrêra como anjo, **mas**
não póde indicar o nome de
uma unica pessoa a quem
o ouvisse (fls. 192 v.).

A venda é **simulada** e **phan-**
tastica, e assim o **considera**,
porque isso começou logo a constar no
publico (nem se lembrando
agora do nome de qualquer
pessoa a quem o ouvisse) —
(fls. 193).

Depoimentos

E' **publico** que a Ré feiticeira é quem medicava ou dava remedios ao Barbosa e que o chegou a ter um anno a leite (um quartilho ou um quarteirão por dia), e seis mezes a pão e agua (fls. 180).

O Barbosa tinha a preocupação de nada deixar aos paes: — **disse-lh'o** elle mesmo e era bem **publico** (fls. 181).

Conheceu bem que o Barbosa andava **idiota, desnorteado, trans-**
tornado e tolo de todo (fls. 178 v.).

Era **publico** e **notorio** que o Barbosa andava **amancebado** com a Ré feiticeira (fls. 207 v.).

Instancias

A **conversa** que teve com o Antonio **não foi ouvida por mais ninguém, por mais pessoa alguma** (fls. 191 v.).

E' **publico** que o Barbosa nada recebeu dos Réos pelos bens, não podendo indicar o **nome de uma unica pessoa a quem o ouvisse** (fls. 193).

3.ª

Tem ouvido dizer que a Ré Maria Rosa de Jesus estava **amancebada** com o Antonio: — **disse-lh'o Francisco Rodrigues Marques** ¹ (fls. 226 v.).

¹ Este Francisco Rodrigues Marques não foi dado como testemunha.

Depoimentos

Era ainda **publico** que a Ré feiteira, para pôr **santo** o Barbosa, sujeitou este uns seis mezes a pão e agua e tambem algum tempo a leite (fls. 208 v.).

E' **publico** que a venda foi phantastica (fls. 208 v.).

Instancias

Não póde precisar o **nome** de **uma unica pessoa**, a quem **ouviu** dizer que a Ré Maria Rosa pozéra o Barbosa seis mezes a pão e agua e algum tempo a leite, recordando-se, porém, de que isso é publico (fls. 231 v.).

Está **convencido** de que a venda é phantastica, porque se dizia **publicamente** e porque, **quem precisa . . . primeiro empenha antes de vender**, e ainda porque hontem **ouviu dizer a Manoel Barbosa Granja** ² que um **homem** lhe disséra ter **ouvido** ao Antonio que os paes nada, d'elle, haviam de herdar, não se recordando se o Granja lhe disséra ou não o nome d'esse homem (fls. 232 v.).

A **conversa** com o Granja **não foi ouvida por mais ninguém** (fls. cit.).

² Este Manoel Barbosa Granja não foi dado como testemunha.

Depoimentos

E' **publico** que a Ré feiticeira era quem tratava, com remedios, o Barbosa (fls. 223).

Instancias

E' **publico** terem os Réos Gonçalves e mulher mettido na cabeça do Antonio que os paes não gostavam d'elle (textual) — só se lembrando que lh'o disse **José Pereira da Cunha** ³ (fls. 227).

Não póde precisar os nomes das pessoas a quem ouviu que a Ré Maria Rosa havia de conseguir meios de lhe apanhar os bens (fls. 227 v.).

4.^a

Era **publico** que o Antonio, desde que se metteu com os Réos, começou a não gostar dos paes, dizendo-se, tambem, **publicamente** que os mesmos Réos tinham mettido na cabeça do Antonio que os paes não o podiam vêr (fls. 244).

Era **publico** que o Antonio andava **amancebado** com a Ré feiticeira e com ella costumava dormir (fls. 244 v.).

Ouviu dizer a Antonio Luiz da

³ Este José Pereira da Cunha tambem não foi dado como testemunha.

Depoimentos

O Antonio parecia que andava refugiado e meio magico (fls. cit.).

Era **publico** que os Réos chegaram a pôr a jejuns e a pão e agua o Antonio (fls. 245 v.).

Está **convencido** de que a venda e compra são coisas **phantasticas**: é isso geralmente **publico** (fls. 246 v.).

Instancias

Silva, ⁴ José Fernandes ⁵ e outras pessoas que o Antonio andava **amancebado** com a Ré mulher do Gonçalves (fls. 261 v.).

A **conversa** com o Antonio, em que este lhe disse que não ia a casa dos paes, porque estes o queriam matar, **não foi ouvida por mais pessoa alguma** (fls. 261 e v.).

Está **convencido** de que a escriptura de venda é **phantastica**, não só por ser **publico**, mas... por **Antonio Luiz da Silva** (a já citada testemunha dos Réos) lhe dizer que tinha ordem do homem da feiticeira para **offerecer dinheiro ás testemunhas** (fls. 262).

⁴ O Antonio Luiz da Silva foi testemunha dos **Réos**.

⁵ O José Fernandes não foi dado como testemunha.

Depoimentos

Segundo tambem era **publico**, etc.
(fls. 276).

... Tambem era **publico**, etc. (fls.
276 v.).

... **Publico** era tambem, etc. (fls.
cit.).

Logo que elle fez a escriptura de venda,
foi publico e notorio (fls. 277 v.).

Instancias

Indo na companhia de **Antonio Ferreiro**, ⁶ de Roriz, este lhe disse que sua **mulher**, sendo ainda **solteira**, fôra a Poiares consultar a feiteira e, entrando na casa d'esta, a vêr se ella lhe dava remedio, **viu-a na cama** com o Antonio e disse-lhe que não podia fallar, porque **S. Bernardo** estava fartinho de fazer milagres n'esse dia e não podia fazer mais (fls. 288).

Segundo é **publico**, o Antonio dizia
que os paes nada haviam de herdar d'elle
(fls. 289 v.).

Só **ouviu** dizer a **Manoel Ma-**

⁶ O Antonio Ferreiro e a mulher não foram dados como testemunhas.

Depoimentos

Tambem segundo era **publico**, o Antonio andava **amancebado** com a Ré feiticeira (conta tambem a tal historia a que, na instancia, se referiu a 5.^a testemunha) — (fls. 290).

A escriptura de venda não passa de uma **doação** (fls. 299).

E' **publico** que semelhante escriptura não passa de uma simulação (fls. 299 v.).

Instancias

cedo e José Gonçalves Ledo, ⁷ que o Antonio dizia que os paes nada haviam herdar d'elle (fls. 302 v.).

Só pelo que ouviu ao Antonio Ferreiro e á mulher ⁸ d'este, é que sabe que a Ré, Maria de Jesus, andava **amancebada** com o Antonio (fls. 302).

Disse que a venda era phantastica, não só por isso ser **publico**, mas pelo ter **ouvido** a varias **pessoas que viajam no carro do depoente** (fls. 313 v.).

Só pelo **ouvir dizer a Manoel da Helena e á mulher** ⁹ d'este, sabe terem os Réos Gonçalves e mulher levado o Antonio a **jejuar** para fazer milagres (fls. 303).

⁷ Este Macedo e Ledo não foram dados como testemunhas.

⁸ Vidè nota 6.

⁹ O Manoel da Helena e mulher tambem não foram dados como testemunhas.

Depoimentos

E' **publico** que os Réos fazem da feitiçaria modo de vida: — tem-n'o **ouvido dizer** a muitas pessoas (fls. 315 v.).

Não conheceu o Antonio, mas é **publico** que elle acompanhava os Réos no exercicio de feitiçaria, servindo-lhes de **medium** ou **anjinho** (fls. 316).

Instancias

Sabe que o Antonio servia de **anjinho** e que até lhe chamavam o **Anjo S. Gabriel** (fls. 317 v.).

Ouviu de noite **canticos** e **orações** (fls. 318).

E' realmente **publico** e sempre o tem sido — e acredita-o até pela **confissão** que lhe fez o Réo feiticeiro — que foi phantastica e simulada a escriptura de venda (fls. 319 v.).

Os **canticos** eram **agradáveis** e **bonitos**; ouvindo, tambem, **rezas** e **orações eguaes** ás que reza qualquer pessoa (fls. 329 v.).

A' **conversa** que teve com o Réo Francisco Gonçalves, **não assistiu mais pessoa alguma** (fls. 330).

Depoimentos

E' **publico** que o Antonio andava amancebado com a Ré feiticeira (fls. 349).

Chegou a **vêl-os** entrar para o mesmo quarto (fls. 349 v.).

E' **publico** que a Ré feiticeira o fez **jejuar** durante um anno inteiro, tomando, apenas, um quarteirão de leite diario e jejuando mais de seis mezes a pão e agua: — **estes jejuns foram affirmados, até, á depoente pelo Antonio** (fls. 350 v.).

Tem sido **publico** e **notorio** que a venda não passou de uma phantasia (fls. 351 v. e 352).

Instancias

Só a **depoente** estava **presente** quando o Antonio lhe disse que os paes nada haviam de herdar d'elle — o que tambem aconteceu com **todas** as **outras conversas** que referiu no seu depoimento (fls. 360 v.).

A escriptura foi phantastica e d'isso estava **convencida**, porque levaram o Antonio, depois de estar morto, a S. Julião, de noite, para fazer um documento dos fructos das terras (fls. 361).

III

Leiam-se, attentamente, esses nove depoimentos, que ahi ficam, fielmente extractados nos seus pontos capitaes e diga-se, depois, se elles podem ser tomados a sério ou se teem algum valor probatorio!...

Tudo é **publico**; tudo consta no **publico**; do **publico** saíu tudo!...

O finado filho dos Auctores Appellados, quando ia á freguezia, atravessava **montes**, para que ninguem o visse; e, todavia, pelos geitos, só o não via quem tal não queria.

Elle fazia confidencias ás testemunhas e asseverava-lhes o proposito de que «os paes nada haviam de herdar d'elle», mas **particularmente, isoladamente**, a esta e áquella testemunha...

O Antonio era «**anjo, anjinho, medium, S. Bernardo e S. Gabriel,**» a sabôr de cada testemunha...

O Antonio jejuou — durante um anno, a leite; durante seis mezes... a pão e agua.

Leite... um quartirão ou um quartilho por dia!...

Houve **referencias** a este e áquelles, mas nenhum dos **referidos** foram dados como testemunhas pelos Auctores!...

... Nem o Antonio Ferreiro e mulher, tendo, aliás, esta dito (?) que **viu** o Antonio com a Ré feiticeira na cama!...

E, no entanto, a testemunha **referente** — cujo depoimento não seja confirmado pelo da **referida**, que deponha **de visu** — nenhum valor probatorio tem (*Theoria das Provas*, do Dr. Neves e Castro, pag. 310 e 311).

Emquanto a 1.^a testemunha dos Auctores «affirmou, com inteira convicção, que o Antonio não andava **tolo**, nem nunca lhe constou que o tivesse estado», a segunda diz «que elle andava **idiota, desnorteado, transtornado e tolo de todo! . . .**»

Outras attribuem-lhe **seismas, fraquezas** e não sabemos que mais.

E, todavia, **tres medicos**, tres homens de sciencia, declararam expressamente (documentos de fls. 935, 936 e 937) que elle «**não apresentava symptomas alguns de delirio ou de estar acommettido de alteração das faculdades intellectuaes**»; «**não manifestava qualquer indicio de doença mental! . . .**»

E isto passava-se, exactamente, no periodo mais agudo da doença, que liquidou a vida do Antonio! . . .

Ora — se este fosse um **espirito fraco e cahido**, se andasse, como as testemunhas insinuaram, sob o peso de **suggestões, manias e seismas**, um **simples e passivo automato**, ás **ordens e instigações** dos Réos, victima, emfim, de uma d'essas **doenças moraes**, que **abatem, esmagam e aniquilam** e tornam o individuo **um sêr desgraçado**, um taciturno, um hypocondriaco, sem energia e **sem vontade propria** — esse **estado physico-psychologico**, verdadeiramente **anormal** e patente ás vistas de todos, podia, porventura, ter passado **despercebido** ao exame d'aquelles tres illustres clinicos? . . .

«**Integro de faculdades**» — declaram-n'o estes.

... «**Suggestionado, maniaco, seismatico, tolo de todo**»

— declaram-n'o algumas testemunhas!!! . . .

Estupendo, extraordinario, unico! . . .

O que **homens de sciencia** não viram, foi descoberto e asseverado por uns rusticos trabalhadores do campo!

... E o que mais é — *stupete, gentes!* — foram estes **acreditados**, em vez de se lhes bradar:

... Para traz! *Non sutôr ultra crepidem!*...

A Ré, mulher do Gonçalves, ministrava **remedios** ao Antonio; e, todavia, este... consultava medicos!... (Vidè cit.^a doc.^s).

«A **venda** foi **phantastica, simulada**: — **corria; constava; dizia-se**; era **geralmente publico!**...»

Factos concretos, positivos e precisos... nem um só: — uma pobreza em toda a linha.

A **nota tetrica**, emocionante, fulminadora, é aquella coisa dos **jejuns** durante **um anno**, a **quarteirão** de **leite** por dia e, durante **seis mezes**, a... **pão e agua**, como se — com **um quarteirão de leite**, ou mesmo com **um quartilho**, segundo uma das testemunhas — fosse crível que uma creatura humana podésse viver por mais do que alguns breves dias!...

Nem os **jejuadores** de profissão — se os ha!...

E querem que se creia e ligue importancia a tão estramboticas declarações!...

E chama-se a isto:

... «**intensa luz**:» «**cortejo imponente** de **uma quasi unanimidade esmagadora!**...»

E' deixar-se ir, demais, nas azas da **phantasia!**...

Só assim póde explicar-se que jurisperitos illustres — como o douto juiz e o

nobre patrono dos Auctores, povessem de parte os **principios basicos**, que tantas vezes teem invocado e que nos ensinam que **não fazem prova alguma**:

a) as testemunhas, que depõem de **crédulidade**;

b) as que depõem de **ouvida alheia** e sem **confirmação das referidas**;

c) as que depõem, com **inverosimilhança**, ou **obscureza e incerteza**;

d) as que não dão sufficiente **razão de sciencia** ou depõem de **sciencia certa** e com manifesta parcialidade e animosidade (Pereira e Sousa, *Primeiras Linhas Civis*, not. 487; Neves e Castro, obr. cit., n.º 271 e 275; Cod. Civ., art. 2514.º, e Cod. do Proc. Civ., art. 273.º; Dias Ferreira, 1.º vol. do seu *Commentario aoCodigo do Processo Civil*, pag. 315; Bonnier, *Traité des preuves*, tomo 1.º, n.º 270, 271, 272, 289, 290, 291, 341, 342 e 344).

A instancia, porém, converteu em **negra sombra** a **intensidade** da tal **luz**, e pôz em debandada os figurantes do cortejo, deixando-os em tão deprimida situação, que só uns apagados vestigios ahi ficaram do primitivo e altaneiro **arreganho**, com que se haviam lançado na lucta, de lingua **ponteira e volteira** e **recado** bem **estudado** . . .

Não ha **medalha** sem **reverso** e, na hypothese dos autos, pena foi que só a um lado se attendesse . . .

Reduzidos, assim, ás suas verdadeiras proporções os **depoimentos** das testemunhas — que não aproveitamos n'outras passagens, que mais em relêvo collocariam

a sua desgraçada situação, porque o que ahi fica extractado é bastante e sobejo para evidenciar que . . . «**cesteiro que faz um cesto, faz um cento**» — passemos á

IV

Apreciação e critica dos fundamentos da sentença

Esses **fundamentos** acham-se reduzidos e, alguns d'elles, até completamente **destruidos** pelas testemunhas dos Auctores.

Quanto ao

1.º FUNDAMENTO

E' verdade que os Réos compradores sabiam que os encargos dos **fóros** e **laudemio** já não existiam.

Sabiam que estes **onus** se achavam **remidos**.

Assim o confessaram, lealmente, nos seus **articulados**; e — se, apesar d'isso, o contrario se declarou na **participação** para a liquidação e pagamento da **contribuição** de **registo** — foi isso devido ao facto de o Réo comprador não se achar **presente** e ter encarregado Antonio Fernandes de Carvalho de lhe tratar d'aquella **liquidação** e **pagamento**, habilitando-o para esse fim com documentos das **anteriores transmissões**, dos quaes constava a existencia dos ditos **fóros** e que serviram de base á mesma **participação**; e, tanto esta foi feita á face de taes documentos, que, n'ella, não só véem **indicados** os

predios — objecto do contracto, mas tambem os **numeros** d'elles na respectiva **matriz**. (Vidè certidão de fls. 919).

E a prova de que o Réo comprador não se achava **presente**, é que — **sabendo escrever**, como se vê da **escriptura** de fls. 30 — a **participação** acha-se **assignada** a **seu rogo** pelo dito Antonio Fernandes de Carvalho.

Na **escriptura** de **venda**, feita ao mesmo Réo, já não podia remediar-se esse **equivoco**, porque o **notario**, que a lavrou, não podia apartar-se dos «dizeres» do **conhecimento**, chamando **allodiaes** a predios, de que se tinha pago contribuição como **foreiros**, visto que esse **encargo** tinha sido previamente **abatido** e, assim, o preço pelo qual se pagou a mesma **contribuição**, devia ser accrescido da importancia correspondente ao **encargo** (ultima parte do art. 18.º do Regulamento de 23 de dezembro de 1899).

Não se trata, pois, de um **contracto simulado**; trata-se, apenas, de um **equivoco** ou **lapso**, resultante de o Réo comprador não haver feito **personalmente** a **liquidação** e **pagamento**, como os **autos** patenteiam.

«Mas — nos termos do § unico do art. 1031.º do Cod. Civ. — esse contracto é **simulado**, porque as partes declararam **falsamente** uma coisa que na verdade se **não passou**, ou que entre ellas **não foi convencionado**» — objectar-se-á **ex-adverso**.

Primeiro que tudo, temos de subordinar a disposição d'este paragrapho á do respectivo artigo, que diz: — «Os actos ou contractos, simuladamente celebrados pelos

contrahentes com o **fim de defraudar os direitos de terceiro**, podem ser annullados e rescindidos a todo o tempo, a requerimento dos prejudicados.»

Ora, admittindo — só em hypothese, entenda-se — que a **declaração** dos **encargos** na escriptura foi propositadamente **falsa** e não uma consequencia de haver sido a **participação** feita á revelia do Réo comprador — onde está ahí o fim de **defraudar os direitos de terceiro**, a que expressamente se refere o art. 1031.º?...

... Quando muito, estaria uma **fraude** — involuntaria, sem proposito feito — das leis sobre **contribuição de registo**.

Além d'isso, o douto juiz recorrido é o primeiro a reconhecer que, em tal caso, se trataria, apenas, de uma **simulação de valor**; porque, logo no **segundo fundamento** — referindo-se aos **preços** dos predios e **remissões** e ás **bemfeitorias**, feitas pelos vendedores — disse que a «**necessidade** d'aquella **simulação** (a dos encargos) resultava manifesta...».

... E faz essa referencia, no intuito de demonstrar que o **valor** dos **predios, remissões e bemfeitorias** era **superior** e muito ao constante da **escriptura de compra** feita pelo Réo Francisco Gonçalves.

*

*

*

Quanto ao

2.º FUNDAMENTO

O **valor** dos predios adquiridos pelo finado filho dos Auctores é — á face das respectivas **escripturas e documento particular** de compra — de

566\$000 réis e, certamente que, na respectiva repartição de fazenda, não seria elle admittido a liquidar **contribuição de registo** por essa importancia, se esta fosse **inferior** á que resultava do **rendimento collectavel**, inscripto na matriz predial (art. 18.º do Regulamento de 23 de dezembro de 1899).

Remiu **fóros** que impendiam sobre esses predios, na importancia de 543\$380 réis e, assim — com os elementos directamente fornecidos pelas escripturas de fls. 14, 19, 22 e 25 e documento particular de fls. 28 — temos que os bens do finado vendedor montavam a 1:109\$380 réis.

E, agora, occorre perguntar:

! Como é que esse vendedor,

tendo ficado com **dividas**, na importancia de 400\$000 réis, por virtude da compra feita pela escriptura de fls. 14;

tendo a seu cargo os **juros** d'essa quantia;

tendo de pagar **contribuições** ao Estado, junta de parochia, etc.

incumbindo-lhe o **sustento** e **vestuario** de seus **antigos amos**, dos quaes ainda existem as 2.^{as} Rés, Maria do Carmo Rodrigues, Thereza Rodrigues e Antonio Rodrigues:

podia tirar — do **rendimento liquido** dos bens, entre os quaes uma **casa**, que nada lhe rendia — o necessario para fazer face a todos estes pesadissimos **encargos** e para **bemfeitorisar** os mesmos bens, a ponto de se proclamar, ahi nos autos, que elles valem, hoje, mais de 2:000\$000 réis?!...

Se admittirmos este **valor**, temos, tambem, de admittir que as **bemfeitorias** subiram a 900\$000 réis, approximadamente; e — se admittirmos o valor attribuido na **vistoria** pelos peritos dos Auctores (2:193\$660 réis) — então essas **bemfeitorias** passaram a ser de importancia superior a 1:000\$000 réis.

Mas

como tomar a sério a avaliação d'esse perito, se elle calculou em 5 % o **rendimento liquido**, médio, dos **bens** — objecto da escriptura arguida de **simulação ? . . .**

E note-se que, no calculo d'esse **rendimento**, entrou uma **casa**.

O perito de **desempate**, porém, fez descer aquelle valor a 1:958\$000 réis; e o perito dos Réos ainda o reduziu a menos, ou seja a 1:657\$160 réis.

Ora,

considerando estas **differenças** de avaliação;

notando o **exagerado rendimento** que a esta serviu de base por parte de cada um dos peritos, pois todos sabem que a **propriedade rustica** não rende mais de 3 %; e

attendendo a que o finado vendedor tinha **encargos**, que absolutamente lhe não permittiam fazer **bemfeitorias** e, muito menos, as explicadas pela differença entre o declarado valor das **compras e remissões** (1:109\$380 réis) e o resultante da avaliação de qualquer dos peritos:

é forçoso reconhecer que o **valor** d'essas **compras e remissões**, quando não tenham soffrido **depreciação** os respectivos bens, permanece, pelo menos, o **mesmo**.

E — permanecendo o **mesmo** — forçoso é reconhecer, tambem, que uma **compra** de bens no valor de 1:109\$380 réis por 430\$000 réis, não representa uma **simulação** de **preço**, porque lá está a **reserva** do **usufructo** a duplicar essa quantia.

E não se diga que, ainda assim, ha uma **simulação** de duzentos e tantos mil réis, porque, se perante a lei (Cod. do Proc., art. 253.º, n.º 6.º), o preço de 430\$000 réis passou a ser de 860\$000 réis pela **reserva** do **usufructo**, a verdade é que esta regra nem sempre é observada pelas partes contractantes, computando-a em **mais** ou **menos**, segundo as circumstancias.

Admittindo, porém, os phantasticos valores, que cada cabeça se permittiu attribuir aos bens de que se trata, nem assim os Auctores melhorariam de situação, porque, em tal hypothese, não havia — como adeante mais desenvolvidamente mostraremos — **fraude** de **direitos de terceiro**, mas das **leis** sobre **contribuição** de **registo**.

... Uma **simulação** — é certo — mas muito differente da definida pelo Cod. Civ.

E **simulações** como a inculcada, praticou-as o finado filho dos Auctores por nada menos que tres vezes, como elles proprios reconheceram a fls. 867 v. e 868 das suas **allegações**, dando como factos assentes:

- 1.º) que a **compra**, effectuada pela escriptura de fls. 14 a 18, o fôra por 1:100\$000 réis e não por 400\$000 réis, como ahi se diz;
- 2.º) que a **compra**, effectuada pela escriptura de fls. 25 a 27, o fôra por 430\$000 réis e não por 130\$000 réis, como tambem ahi se diz; e
- 3.º) que a **compra**, effectuada pelo **documento particular** de fls. 28, o fôra por 40\$000 réis e não por 36\$000 réis, como egualmente ahi se diz.

E n'estes casos — houve, porventura, **simulação** de **contractos**,

com o **fim de defraudar direitos de terceiro**, ou **simulação de preços**, em **fraude das leis sobre contribuição de registro ? ...**

Quem podia tomar-lhe conta d'isso? ...

... A Fazenda Nacional, e só ella.

*
* *

Quanto ao

3.º FUNDAMENTO

Poucas palavras, porque este fundamento resulta dos **depoimentos** das testemunhas dos Auctores.

Esses **depoimentos** já se acham reduzidos ás suas justas proporções e, pretender tirar d'elles qualquer argumento, o mesmo é que pretender insufflar vida a um cadaver.

A **ideia fixa** e o tal **proposito firme**, que se attribuem ao finado vendedor, são coisas que, de modo algum, devem dar-se como assentes, senão ante uma prova cerrada, conteste e sem vicios, como essa que se pretende, feita por testemunhas **inconscientes, contradictorias e contraproducentes**, como as que ahi depozeram por parte dos Auctores.

Note-se, ainda, que o finado filho dos Auctores podia ter o **proposito firme** de que estes nada **herdassem** d'elle e, n'esse proposito, **fazer venda** de tudo quanto possuia.

Dado, porém, que assim fosse, seguir-se-ia d'ahi — **necessaria e forço-**

samente — que elle fizera uma **venda phantastica** ou um **contracto simulado** ? . . .

Nunca,

como já foi demonstrado a fls. 987 da **allegação** perante a primeira instancia, ficando essa materia sem contestação, e

como adiante se verá, quando versarmos essa **questão de direito**.

Mas ha mais:

Pelo que se vê dos **depoimentos** das testemunhas dos Auctores, o filho d'estes era um **espírito fraco**, tinha **manias** e **scismas**, havendo até uma que o alcunhou de **tolo de todo**.

Se assim era e os paes sabiam que elle estava no **firme proposito** de os **desherdar**, para que não vieram a juizo com a competente acção, para o fazer declarar interdicto por **demencia** ? . . .

Pois — se tudo isso **vinha de longe**, ou seja «depois que, pela **compra** dos bens, o finado Barbosa assentou na Alheira a sua **residencia**» (Vide sentença a fls. 1075 v.) — não tiveram elles **tempo de sobra** para se **prevenir** contra esse **proposito firme**, que vinha sendo attribuido ao mesmo seu filho, de este os desherdar ? . . .

. . . E não teriam, **sómente, tempo**; mas, até, **motivos**, a ser verdade o que inculcam ? . . .

V

Indícios — Presumpções

(englobados nas alíneas *a*), *b*), *c*), *d*) e *e*), e que, pela veneranda sentença appellada, foram apresentados como fundamento de simulação do proprio preço)

«O preço não existiu, como resulta dos depoimentos.»

Salvo o devido respeito, **existiu**.

Dizem-n'o, pelo menos, cinco testemunhas dos Réos (Vidè fls. 478 v. e 479, 492 v., 504 v., 505 v., 516 v., 654 v. e 655, etc.).

«O vendedor nenhuma **necessidade** tinha de **vender** e, muito menos, por tão pouco.»

... Pois tinha e, a esse respeito, não pôde existir a menor duvida; e, antes de **vender**, também precisou de **contrahir dividas**.

O Antonio não podia fazer face, pelos seus **rendimentos**, aos **encargos** a que ficou sujeito; porque estes eram muito **superiores** e haviam, necessariamente, de crear-lhe **difficuldades** e **compromissos**: um **deficit** annual esmagador; tanto mais que — se dérmos credito ás testemunhas dos Auctores — elle descurava a **administração** da sua **casa**, ausentando-se d'ella com **frequencia** e com demora; e — lá o diz o proverbio — «a quem dorme, dorme-lhe a fazenda.»

Concedendo, mesmo, que os **bens** lhe produzissem o **exageradissimo rendimento** fixado pelo perito dos Auctores (109\$683 réis), precisava elle, pelo menos, de triplicar esta quantia, para

- a) pagar 400\$000 réis de **dividas** e os **juros** d'ellas, até ao respectivo **reembolso** pelos crédores;
- b) fazer **bemfeitorias** em importancia superior a um conto de réis;
- c) **sustentar-se e vestir-se** e a seus antigos amos; e
- d) pagar as respectivas **contribuições!** . . .

Junte-se a tudo isto o largo periodo de **doença** que elle atravessou; as **consultas medicas**; as inherentes **despezas** de **pharmacia**; uma **alimentação superabundante**, como a sciencia e a simples e comezinha experiencia indicam para os tuberculosos, e digam-nos, depois, se é natural que o Antonio — um modestissimo lavrador, a quem não foram attribuidos outros **proven-tos**, nem mesmo os da phantastica industria de fazer de «**anjinho** ou **me-dium**»,

nada **devesse**, e não tivesse **necessidade de vender!** . . .

Attenda-se a esse **impossivel**, por **exagerado**, **rendimento** de 5 %;

tenha-se, além d'isso, em conta que aos excessivos 109\$683 réis, que, na melhor das hypotheses, lhe podiam ser attribuidos **annualmente**, corresponde uma **diaria** de 300 réis; e

reconhecer-se-á a que minuscula proporção ficam reduzidos todos os esforçosahi feitos pelos Auctores, proclamando, a gritos e com emphase para **convencer:**

«que o Antonio **nada devia**» e

«que não tinha elle **necessidade** de vender! . . .»

Isto não são palavras, méras **declamações** ou **exclamações**, mais ou menos apparatusas.

São factos, que os autos ahi estão a exhibir em flagrante e a **boa razão** a applaudir.

Voltemos, porém, ao pseudo-argumento de que elle «não tinha **necessidade** de vender.»

Que prova de **simulação** pretendem tirar d'ahi os Auctores? . . .

Então só **vende** quem **precisa**? . . .

Não vende quem **quer**? . . .

Desde que elle tinha **capacidade** para contractar — a que vem a **necessidade**, ou **desnecessidade**, de **vender**? . . .

. . . **Vendeu**, porque quiz **vender**; seria a unica resposta, se ahi não estivesse largamente demonstrada a **necessidade** da **venda**.

Vendeu, mas não se **privou** de **recursos**, porque reservou o **usu-fructo**.

E a esta **reserva** chamaram, o douto juiz recorrido, uma sinécure e, os Auctores, uma **simulação** . . .

«para explicar a circumstancia de o vendedor continuar na fruição dos predios vendidos», accrescentando:

«nem a essa **regra** escapou o contracto arguido» (fls. 888 e v.).

... **Regra** — querem elles dizer — uma das **caracteristicas** de todos, ou quasi todos, os **contractos simulados**.

Claro que — tendo o Antonio reservado o **usufructo** dos predios vendidos — continuou a **fruir** estes, não para **explicar** qualquer **circumstancia**, mas no uso de um **direito**, que, a seu favor, estabeleceu, como lhe era mister, para garantia de sua subsistencia e que a lei lhe permittia estabelecer.

E, bem pesadas as coisas, tal argumento só favorece os Réos; porque — na hypothese de que uma das **caracteristicas** de todos, ou quasi todos os **contractos simulados** seja a **reserva** do **usufructo** — é evidente que, se a **venda** de que se trata fosse realmente **simulada**, facil lhes era o evitar tal **pecha de suspeição**, fazendo-a com **immediata transferencia** do respectivo **dominio** e **posse**!...

E, depois, para garantia de **subsistencia**, um **arrendamento** por determinado **praso**, com **quitação** das respectivas **rendas**, daria o mesmo resultado...

E não se diga, que essa **reserva** (fls. 893 v.) foi irrisoria, porque o vendedor era **quasi um cadaver**.

Quantos **vendem** com **reserva** do **usufructo**, na plenitude da vida e da saude, e morrem em praso mais curto, do que aquelle que mediou entre a venda e a morte do filho dos Auctores?...

Demais, ninguem acredita que esse vendedor — um rapaz nascido e creado na **aldeia**, perfeitamente **analphabeto** — conhecesse a **gravidade** da **molestia**, que o affligia e, muito menos, que d'ella havia de ser victima, até porque o

tuberculoso nunca desespera de **curar-se**, é essa, até, uma das características da terrível doença, como muito á justa já foi ponderado a fls. 993 v.

... E que a **tuberculose** é, hoje, **curavel**, attestam-no milhares de casos.

Ora o Antonio — tanto suppunha triumphar da doença — que, ainda no mez de **setembro**, exactamente aquelle em que fez a venda, — **consultava medicos (attestados** de fls. 935, 936 e 937).

... E se assim procedia, é porque lá estava n'elle a esperança da **cura**.

Não se considerava, portanto, com poucos ou muitos annos de vida, quando fez a **venda e reservou o usufructo** dos bens — objecto d'ella.

Vendeu, tambem, os **moveis**, é certo; mas todos sabem o que são os **moveis** de um pequeno lavrador: — umas **caixas**, umas **vazilhas**, uns **apeiros de lavoura** de que elle, **extincto o usufructo**, não precisaria, nem para guardar os **cereaes e vinho** nem para os **trabalhos agricolas**; ao passo que o Réo comprador, apenas consolidasse a **propriedade** com o **usufructo**, precisaria, logo, d'esses **mobiliarios**.

Pois até d'isto fizeram os Auctores «cavallo de batalha»!...

Refere-se, ainda, o douto juiz (Vidè alinea *d*) a «**jejuns e a outros expedientes**», que victimaram o filho dos Auctores...

... Isto, porém, não passa de uma asserção gratuita... apesar de grave.

Se elle foi «**victima dos jejuns** ou de **outros expedientes**», essa **accusação** só podia ser formulada em **processo crime** e verificada pela **autopsia** ao cadaver do vendedor.

Não se havendo procedido assim, esse silencio dos Auctores perante factos de tanta gravidade só demonstra... a **falta de senso** com que algumas testemunhas dos Auctores vieram aos autos, fallando em **jejuns** durante **um anno a leite (um quarteirão por dia!...)** e, durante **seis mezes, a pão e agua!!!.....**

O facto do embolso do **preço** de qualquer venda, **antes** ou **no acto** de ser assignada a respectiva escriptura, sempre **dependeu de combinação** entre as partes contractantes;— não póde ser uma **presumpção** de **simulação** de preço, como o douto juiz recorrido pretende.

Quantas vezes se fecha contracto a respeito de uma propriedade, e o comprador — receioso de que o vendedor **falte** — entrega a este, immediatamente e perante testemunhas, a importancia do **preço** ou um signal avultado para o sujeitar á **restituição** em **dobro** no caso de arrependimento?...

Bem sabemos que, em taes casos, é de **praxe** o contracto escripto da **promessa de venda** em que o **preço** se declare recebido no **acto**, e dizemos de **praxe** que não de **lei**; porque esta admitte que taes **convenções** se provem por meio de **testemunhas**.

Mas — como proceder de outra fórmula, quando as partes se achem a distancia do **funcionario**, que lhes dê authenticidade ao **contracto provisorio**, ou quando este seja fechado a horas, a que já se não achem abertos os **cartorios notariaes**?...

E', tambem, frequente qualquer individuo, aliás abonado de bens, ter neces-

sidade de pagar uma **divida**, de um momento para o outro, para não soffrer um **arresto** ou outra **medida violenta**.

Para obter o **dinheiro** para esse fim necessario, ou é obrigado a **vender** ou a **hypothecar**, e — assente qualquer d'estes contractos, como a respectiva **escriptura** depende de **formalidades prévias**, cuja demora se não compadece com a urgencia — pede ao comprador ou crédor o **adeantamento** da importancia do contracto, confessando-a, depois, já recebida, passando-lhe, ou não, conforme a confiança, um **titulo provisorio** de garantia, que, depois, ao assignar da **escriptura**, se inutilisa.

Estes e outros expedientes estão nos **costumes** e são accusados pela **pratica** de todos os dias.

Se, pois, o declarar-se n'uma **escriptura**, que o **preço** da **venda** tinha sido **anteriormente** recebido pelo vendedor, é uma das **presumpções** de **simulação**, então muitos são os contractos atacados d'esta **nova doença**, até porque, quasi sempre, os preços das **compras** ajustadas entre pessoas de mutua confiança são pagos desde logo.

Tal presumpção, pois, não póde ser tomada a sério, porque os **factos** de todos os dias e o **direito** a não auctorisam, antes repellem; mas, quando assim não fosse, lá estaria o recurso de escapar a tal **presumpção** — no caso de se tratar de uma **venda** realmente **simulada** — e seria ella bem simples: — apresentar o **dinheiro** . . . por méra **formalidade**.

. . . E esse recurso não se póde contestar que estava ao alcance dos Réos compradores, porque — se é certo que, a fls. 891 e v., os Auctores disseram «que elles **não tinham dinheiro para comprar**», — não o é menos que, antes, a

fls. 869 v., haviam reconhecido «que os mesmos Réos **tinham meios de fortuna**», filiando esta asserção no **depoimento** de algumas das suas testemunhas.

Até do facto de a escriptura ser lavrada em **casa** do Réo **comprador** — de differente freguezia e comarca — se pretendeu deduzir um argumento! . . .

Primeiramente, as partes vão celebrar os seus **contractos** onde querem.

E' isso, até, da indole da **instituição notarial**: — plena liberdade na **escolha** do **notario**.

Em segundo lugar, se o filho dos Auctores — como estes dizem — ia, muitas vezes, a casa d'aquelles Réos — porque não aproveitar elle uma d'essas idas para a realisação d'esse **contracto**? . . .

As coisas, porém, «são o que **d'ellas** resulta e não o que resulta do **logar** onde se passaram.»

«A venda foi puramente phantastica» — «é voz geral e **convicção** das testemunhas dos Auctores» — diz-se, ainda.

O que «**na voz geral**» é, já o vimos nós e . . . ficamos edificadíssimos! . . .

E — a respeito da tal convicção — é lêr, mesmo sem grande attenção, os **depoimentos** d'aquellas testemunhas e confrontal-as com a **instanci**a.

Attente-se no «**quadro**» d'esses depoimentos, mas com os olhos vendados a cimento . . . para se não ficar cego ao calor da «**intensa luz**, que d'elles irradia» . . .

«Demonstram esses depoimentos, n'um cortejo imponente e n'uma quasi unanimidade esmagadora», que . . .

Depoimentos

E' tambem **publico e corrente** que o Barbosa fizera **venda phantastica** de tudo quanto tinha (1.^a testemunha, fls. 160 v.).

E' **publico** que a **venda** é **phantastica** (2.^a testemunha, fls. 181).

E' **publico** que a venda foi **phantastica** (3.^a testemunha, fls. 208 v.).

Está convencido de que a compra e

Instancias

Não póde dizer o **nome** de **uma unica pessoa** a quem ouvisse dizer que a **venda** era **phantastica** (fls. 165 v.)!!!...

A **venda** é **simulada e phantastica** e assim o considera, isso começou logo a constar no **publico**, não se lembrando, agora, do **nome** de **qualquer pessoa** a quem o ouvisse (fls. 193)!!...

Está convencido de que a **venda** é **phantastica**, porque isso se dizia **publicamente** e porque, quem precisa... primeiro **empenha** antes de vender, e ainda porque hontem ouviu dizer a Manoel Barbosa Granja que um homem lhe disséra ter ouvido ao Antonio que os paes nada d'elle haviam **herdar**, não se recordando se o Granja lhe disséra, ou não, o nome d'esse homem (fls. 232 v.). A conversa com o Granja não foi **ouvida** por mais **ninguem** (fls. cit.^a).

Está convencido de que a escriptura

Depoimentos

venda, são **phantasticas**: é isso geralmente **publico** (4.^a testemunha, fls. 246 v.).

Logo que elle fez a escriptura de venda, foi **publico** e **notorio**, etc. (5.^a testemunha, fls. 276 v.).

E' **publico** que semelhante escriptura não passou de uma **simulação** (6.^a testemunha, fls. 299 v.).

E', realmente, **publico** e sempre o tem sido — e acredita-o até pela **confissão** que lhe fez o Réo feiticeiro — que foi phantastica e simulada a escriptura de venda (8.^a testemunha, fls. 319 v.).

Tem sido **publico** e **notorio** que a venda não passou de uma **phantasia** (9.^a testemunha, fls. 351 v. e 352).

Instancias

de venda é **phantastica**, não só por ser **publico**, mas... por Antonio Luiz da Silva lhe dizer que tinha ordem do homem da feiticeira para **offerecer dinheiro** ás testemunhas (fls. 262).

Disse que a venda era **phantastica**, não só por isso ser publico, mas pelo ter ouvido a **varias pessoas**, que viajam no carro do depoente (fls. 313 v.).

A' conversa, que teve com o Réo Francisco Gonçalves, **não assistiu mais pessoa alguma** (fls. 330).

A escriptura foi **phantastica** e d'isso estava convencido, porque... levaram o Antonio, depois de estar **morto**, a S. Julião de noite, para fazer um documento dos **fructos** das terras (fls. 361).

Releve-nos o venerando tribunal, a que está affecto este recurso, a repetição de taes **declarações**; mas é que estas eram uma necessidade, para esfarrapar, mais uma vez, o tal «**cortejo imponente**», de, já agora, tão **celebrada memoria**.

VI

Vejamos, agora, o que disseram as

Testemunhas dos Réos

que, se dão licença, também são testemunhas como as outras e devem ser **at-**
tendidas e, até **preferidas**, em **egualdade** de **circumstancias**
(Cod. Civ., art. 2515.º).

1.ª **Antonio Luiz da Silva** :

... «offereceu á **venda** uma bouça ao Antonio Gomes Barbosa, mas este não
acceitou, porque se achava **muito empenhado**» (fls. 416).

2.ª **José Joaquim da Costa** (inquirida em Ponte do Lima):

... «**viu e presenceou** que o Réo contou 430\$000 réis, entregando esta
importancia ao finado Antonio Gomes Barbosa, o qual, por sua vez, a entregou a João
Fernandes da Cruz, recebendo d'este uma **letra** — passando-se isto no dia 6 de se-
tembro» (fls. 478 v. e 479);

... «O Réo entregou esse dinheiro ao Barbosa, em pagamento de uma **quinta**, que o mesmo lhe havia **vendido**» (fls. 479);

... «Os Réos, para pagar a **quinta**, **venderam dois predios** (fls. 479 e v.); venderam **ainda** algum **gado** que tinham a ganho, **uma junta de bois** de que era creador ou pensador elle depoente, e **outra junta** de que era pensador um individuo de nome Barbosa, de Poiares» (fls. 479 v.);

... «**Venderam** mais uma **junta de bois** que tinham em casa» (cit.^a fls.).

3.^a **Francisco da Costa** (inquirida em Ponte do Lima):

«Tendo a mulher, com quem elle depoente estava casado, de nome Anna Barbosa, comprado aos Réos um **eido** e **casas** pela quantia de 100\$000 réis, causou isto estranheza e começou a constar que elles estavam decadentes de bens» (fls. 491 v.).

«Mais tarde, porém, começou a constar que, com essas vendas, queriam os Réos apurar dinheiro para fazer face ao pagamento da **quinta d'Alheira**, que haviam comprado ao Barbosa» (fls. 491 e v.).

«No dia 6 de setembro (fls. 492) viu que o Cruz recebeu 430\$000 réis, entregando um papel, que lhe pareceu ser uma **letra**, ao Barbosa» (fls. 492 v.).

«O Réo disse-lhe que aquelle dinheiro era para **pagar a quinta da Alheira**, que tinha comprado ao mesmo Barbosa» (cit.^a fls.).

... «Constou-lhe que o Réo **vendêra outro predio** e o mesmo Réo disse-lhe que ia **vender**, para adquirir dinheiro, **algum gado** que tinha a ganho» (fls. 493).

«Ouviu que o Réo vendêra um **gado** para comprar a quinta d'Alheira» (fls. 493 v.).

4.^a **Cypriano Antonio Teixeira** (inquirida em Ponte do Lima):

«O Réo procurou-o em casa e disse-lhe que precisava, quanto antes, do dinheiro (preço da **venda** feita á mulher da testemunha antecedente e do qual contracto a testemunha Cypriano foi **intermediaria**) para pagar uma **compra**, que tinha de fazer» (fls. 503 v.).

«No dia 6 de setembro, elle e a testemunha que depôz foram á casa do Réo, afim de lhe pagar o eido» (fls. 504).

«**Viu** que o Réo tirou, de dentro de uma carteira, uma porção de dinheiro, em **notas**, que contou e entregou ao fallecido Barbosa, o qual, por sua vez, o entregou ao tal João de Milhazes (o Cruz), a quem disse: «veja se ahi estão 430\$000 réis»; e o mesmo Milhazes, guardando o dinheiro, entregou ao fallecido Barbosa um papelsinho pequeno, que podia ser uma **letra**» (fls. 504 v.).

... «O Réo **vendeu** a leira da Agra (fls. 505 v.). Suppõe que elle **vendeu o gado**, que tinha a ganho e uma **junta de bois** que tinha em casa» (cit.^a fls).

«Começou a constar que o Réo estava decadente de bens, mas, depois, **averiguou-se** que elle tinha feito essas **vendas**, para reunir dinheiro com que pagasse a **quinta d'Alheira**».

5.^a **José Barbosa** (inquirida em Ponte do Lima):

«Quando o Casas Velhas ia para a feira de Barroselas, disse-lhe este que os Réos lhe tinham tirado uns **bois**, que d'elles tinha a ganho, dizendo-lhe n'essa occasião o depoente: — tambem me tiraram uns que eu tinha» (fls. 516).

«Começou a constar que tinha **vendido** dois predios» (fls. 516 v.).

«Concluui-se d'ahi que os Réos estavam **decadentes** de **bens**; mas ou-

tras pessoas diziam que elles **vendiam** os **predios** e os **gados** referidos para **realisar dinheiro**, com que **comprassem** uma **quinta** na **Alheira** a Antonio Gomes Barbosa» (fls. 516 e v.).

6.ª testemunha (**Manoel Luiz d'Oliveira**):

«O finado Barbosa não tinha **gado** d'elle, nem a ganho (fls. 592 v.); não vendia **cereaes**; os predios que possuia na Alheira, em annos de producção regular, podiam dar um rendimento que chegasse para consumo da casa d'elle; em annos de producção má, podia ter necessidade de comprar» (fls. 593 e 594).

«O depoente foi solicitado pelo Barbosa para lhe comprar uma **partida** de **cavacos**, dizendo-lhe n'essa occasião, que necessitava realisar essa **venda**, para adquirir dinheiro com que pagasse um **milho**, que tinha comprado a um tal Francisco Marques» (fls. 594 v. e 595).

«Ouviu que o finado Barbosa **devia muito dinheiro**, e o depoente d'isso estava convencido, porque fez bastantes **obras** e não constava que tivesse dinheiro para ellas» (fls. 595 e v.).

7.ª testemunha (**João Fernandes da Cruz**):

«O depoente **emprestou** ao Barbosa 430\$000 réis por uma **letra**» (fls. 654).

«Sabendo que a **doença** apoquentava o Barbosa, pediu a este o pagamento d'aquella quantia, respondendo este que ia **vender** bens para a pagar» (fls. 654 e v.).

«No dia 6 de setembro de 1903 foi o depoente a Poiães, a casa do Réo Francisco Gonçalves, e lá recebeu a quantia de 430\$000 réis da mão do Barbosa» (fls. 654 v.).

«N'esse mesmo dia o Réo Francisco Gonçalves entregou ao Barbosa a mesma quantia, que este, por sua vez, entregou ao depoente em pagamento do que lhe devia» (fls. 655).

Depois de longa e torturante **instanciã** :

«que mantinha o que primeiro depôz e — se depois se afastára d'isso — fôra **inconscientemente** e por se achar **cançado e doente**» (fls. 695).

Podéra: — com tal **maçagem**! . . .

8.^a testemunha (**Antonio Alves de Faria**):

«Precisando de algum dinheiro, foi a casa da testemunha Cruz pedir-lh'o, respondendo elle que não podia, por ter de emprestar ao finado Barbosa 400\$000 réis» (fls. 750).

«Tendo ido ao cartorio do Esteves, lá encontrou o Cruz e o Barbosa, tendo-lhe dito aquelle, em presença d'este, que estava a fazer a **letra**, representativa do dinheiro que o primeiro emprestára ao segundo» (fls. 750 v.).

*

*

*

Ora, ninguém porá em duvida que, d'estes depoimentos, resulta, clara e positivamente:

a) «que o fallecido Antonio Gomes Barbosa tinha **dividas**» (já demonstramos que de espantar seria se não as **tivesse**);

b) «que pagou, com o **preço** da **venda** feita ao Réo Francisco Gonçalves, uma **divida** de 430\$000 réis»;

c) «que o mesmo Réo, para lhe **comprar** propriedades situadas na Alheira, precisou de **vender** outros **bens** de **raiz, gados**, etc., que possuía».

A **divida** de 430\$000 réis foi paga em 6 de setembro de 1903 e é por isso que — na **escriptura** de **venda**, realizada dois dias depois — o vendedor declarou **já recebido** o respectivo preço.

Bem se esforçou o mui illustre patrono dos Auctores a *espremer* — consinta-se nos o symbolico verbo — as testemunhas dos Réos, sujeitando-as a uma instancia, por tal forma miuda, apertada, extenuante, que uma d'ellas — cujo **depoimento, instancia** e demais incidentes se prolongaram por sete longas sessões e desde fls. 653 a 749 — se confessou «*cançada e doente*» (fls. 695)!...

... Mas tudo inutil: — a verdade sempre resalta e brilha, e essas testemunhas — diga-se mais uma vez — também são testemunhas e devem ser **ouvidas** e até **preferidas**, nos termos da lei.

VII

A questão de direito

Os Auctores deram como assento legal da sua acção:

os artigos 1030.º e 1031.º do Cod. Civ., por se tratar — disseram — «de **contractos**, celebrados em **prejuizo** de **terceiro**»;

os artigos 335.º, 687.º e 688.º do mesmo Cod., por se tratar de **actos** praticados — segundo este — «por quem **não estava** em seu **perfeito juizo**»;

os artigos 1784.º e 1786.º do mesmo Cod., por se tratar de «actos praticados em **prejuizo da legitima**». (Vidè fls. 878 v. a 881, 885 a 887).

Salva a muita consideração, em que temos, sempre, a opinião dos nossos collegas — e, mórmente, quando tão experimentados e abalisados jurisperitos, como o é o douto patrono dos Auctores — a presente acção deve, a nosso vêr, cahir pela base . . .

E assim cahirá.

Se não, veja-se :

Os artigos 1030.º e 1031.º apenas auctorisam o pedido da **rescisão dos contractos simulados**, quando celebrados em **prejuizo dos direitos de terceiro**.

Ora, primeiramente, cumpre ter em vista que a qualidade de **herdeiro legitimo** exclue, juridicamente, a classificação de *terceiro* ; porque, se é **herdeiro**, tanto herda **direitos** como **obrigações** e, conseguintemente, entre estas, a de manter e respeitar os **contractos, feitos** pelo seu **representado** (Accordãos do Supremo Tribunal de Justiça, de 15 de abril de 1890 e de 29 de maio de 1908, na *Rev. de Leg. e de Jur.*, de Coimbra, 41.º anno, pag. 189 ; — *Direito*, 29.º anno, pag. 55 ; e Accordão d'este Venerando Tribunal, de 7 de janeiro de 1902, na *Rev. dos Trib*, 20.º anno, pag. 264, etc.).

Os Auctores, n'este caso, estariam, apenas, repostos no **logar e situação juridica** de seu finado filho, o vendedor Antonio Gomes Barbosa ; e, n'essa qualidade, não poderiam invocar **vícios** ou **faltas**, para as quaes, porventura, o seu **representado** houvesse concorrido.

E' bem sabido e corrente que — quando a causa ou fim de um contracto são **criminosos** ou **reprovados** pelo direito — não é permittido aos **pa-etuantes** — ou (o que o mesmo é e vale, juridica e moralmente) a quem está na obrigação de lhes honrar a memoria, cumprindo, fielmente, os seus **compromissos** e respeitando os seus **contractos**, como se elles presentes fossem — o invocar a **propria torpeza**, porque isso seria contravir as disposições expressas nos artigos 692.º e 695.º do nosso Codigo e a velha **regra de direito** = *nemo auditur propriam allegans turpitudinem*.

Em **segundo lugar**, os citados artigos 1030.º e 1031.º exigem que haja **prejuizos** de direito.

Logo, o **prejuizo**, basilar de acções d'esta categoria, deve ser uma coisa **real, certa, effectiva, concreta** — uma **defraudação immedia**ta, portanto, dos **direitos de terceiro**.

Ora — digam o que disserem sobre a materia, algumas das nossas maiores **autoridades juridicas**, e haja-se, muito embora, decidido, já, o contrario, pois os **julgados** só valem e pesam pela **importancia** das suas razões — o que é indiscutivel — vá dito sem intuitos **desprimorosos** e, aliás, com a já professada vénia — é que, á face do nosso **direito constituido**, não póde sustentar-se, que a **acção**, facultada pelos precitados artigos 1030.º e 1031.º, seja extensiva ao herdeiro **legitimario**, porque este não tem o direito, **real, certo e effectivo**, mas, apenas, a **espectativa** de succeder no que, *eventualmente*, lhe possa advir do seu **representado**, á morte d'elle.

De modo que — se este **alienar** por acto **inter-vivos**, tudo o que tiver, como lhe é licito, salvo nos casos de **interdicção decretada** — nada se **transmittirá**, nada de invocavel em juizo se **radicará** na pessoa do pretenso **herdeiro legitímario**.

Nem se argumente com os artigos 1784.º e 1786.º do Cod. Civ., que — regulando a **sucessão testamentaria** — prohibem ao testador o dispôr a favor de **estranho**, com offensa da **legítima**.

Essa **prohibição** apenas abrange as **disposições beneficiarias**, **causa mortis**; e — como **restrictiva** e de **excepção** que é — não pôde, de modo algum, **ampliar-se** aos **contractos alienatorios inter-vivos** (Cod. Civ., art. 11.º).

Attente-se bem n'isto: — aquellas **disposições** são **prohibitivas**, são **excepcionaes**.

Não podem, portanto, ser arrastadas para regular, **n'um caso geral**, um dos **contractos**, mais usuaes e vulgares, de **alienação** — a **compra** e **venda**, um acto **inter-vivos**, em summa.

Mal nos iria, se aos **filhos** ou a quaesquer outros **herdeiros legitímarios**, fosse permittido — invocando esses **incertos** e **eventuaes** direitos em **espectativa** — virem coarctar-nos a **liberdade contractual** de dispôrmos, livremente, do que é nosso, quando nos achemos no pleno gôso da nossa **capacidade juridica**! . . .

E, quando assim fosse, necessario seria, por coherencia, o haver, tambem, como legitimo o contracto sobre **herança** de **pessoa viva** e, conseguintemente, a **obrigação** e a **alienação** d'esses pretendidos **direitos**.

... Mas é sabido que o Codigo (artigos 1556.º e 2042.º) **prohibe**, expressamente, taes **contractos**.

E é coisa, assente e corrente, que não podem celebrar-se, que não são viaveis.

Mas ha mais:

— quando é que os filhos podem vir com taes **acções** a juizo?...

— em **vida** dos paes, ou só **depois da morte** d'estes?

Só **depois da morte** dos paes — dizem as opiniões mais auctorisadas; — «porque o **direito** do **filho** á **legitima** só se torna **certo** e **effectivo**, á **morte** dos paes, não passando, em **vida** d'estes, de uma **méra expectativa**.»

¿E, quando haja decorrido o praso sufficiente para se radicar, por **prescrição**, o **dominio** sobre os bens vendidos simuladamente?...

Por consummada se deve haver essa **prescrição** e, por virtude d'ella, radicado, inauferivelmente, o **dominio** sobre os mesmos bens, na pessca do **simulado comprador**.

Consideremos, porém, a hypothese inversa:

— não haver, ainda, decorrido o **praso** necessario para se consummar tal **prescrição**.

Quid inde? ...

Resultará d'ahi o **seguinte absurdo** — entre dois individuos, cujos **di-**

reitos legitimarios ou **successorios** se lhes deferiram pela **mesma data** :

- um poder vir com a **acção** de **simulação** a juízo; e
- outro não poder usar de tal **acção**, por virtude de se achar **prescripto**, a favor d'outrem, o **direito**, que, só mais tarde, se poderia radicar n'elle.

N'um Codigo — que passa por um dos mais completos e bem feitos do seu tempo, e que consiste n'um conjuncto de disposições, todas harmonicas e subordinadas ao mesmo **methodo** — não póde admittir-se uma tão aberta **contradicação** de **ideias** e de **principios**.

*

* *

Os artigos 687.º e 688.º do Cod. Civ., tambem não aproveitam aos Auctores; porque o vendedor, filho dos mesmos, não estava julgado **interdicto** por **dementia**, nem em condições de, como tal, ser declarado, como o processo mostra.

... E só podem ser **annullados** os **actos** e **contractos**, celebrados pelo **interdicto** antes da **sentença**, quando se prove que, a esse tempo, já **existia** e era **notoria** a causa da **interdicção** ou que era **conhecida** do **outro estipulante** (Cod. Civ., cit. art. 335.º; *Rev. de Leg. e de Jur.*, de Coimbra, 38.º anno, pag. 520).

E, assim, o assento legal e unico de uma **acção rescisoria** dos **contractos** impugnados, apenas poderia estar nos artigos 656.º, 663.º, § unico, 666.º, § unico e 690.º do mesmo Codigo, que são os que fundamentariam o pedido da rescis-

são dos mesmos contractos, com fundamento em coacção, quer procedente do emprego da força physica, quer procedente de quaesquer outros meios, como **suggestões** e **artifícios**.

Mas os Auctores não deduziram, nem fundamentaram a sua acção, n'essa conformidade; e conseguintemente — ainda que houvessem provado os factos a tal fim necessários, o que, aliás, não fizeram, como já demonstramos — não poderia julgar-se a acção procedente, sabido como é, e hoje doutrina assente nos tribunaes, que ao julgador não é licito julgar por **causa diversa** da pedida, até por força d'aquelle principio, que a douta sentença recorrida invocou, de que *frustra probatur quod probatum non relevat* (Cod. do Proc. Civ., art. 281.º; e Accordãos do Supremo Tribunal de Justiça, de 4 de abril de 1905, de 11 de maio de 1906 e de 21 de novembro do mesmo anno).

Os suppostos **prejuizos** da Fazenda Nacional — e **suppostos** porque o imposto foi pago por cima do valor, resultante do rendimento collectavel, inscripto na matriz (art. 18.º do Regulamento de 23 de dezembro de 1899) e porque os bens, de que se trata, não podiam, realmente, ser computados em mais para uma transmissão, com o encargo do **usufructo**, como já se demonstrou — não teem os Auctores *legitimidade* para os invocar e, em nome d'elles, reclamar a nullidade, por *simulação*, dos contractos impugnados.

E' a doutrina, que resalta da disposição, clara e terminante, do art. 111.º do cit. Regulamento de 23 de dezembro de 1899.

E, contra a letra da lei, não prevalecem *decisões judiciaes*, por mais auctorisadas e venerandas que sejam.

Demais, sempre assim se entendeu e julgou, constituindo a decisão invocada um caso esporadico e anodino.

*

*

*

Sobre estas **questões** — algumas das quaes já levantadas pelos Réos — não se pronunciou a veneranda **sentença appellada**, pondo n'ellas aquella superioridade de vistas e reconhecida competencia, com que o douto juiz usa tratar as que lhe são submettidas.

... Nem, sequer, lhes tocou!

... Pois — salvo o respeito devido — deveria ser essa a primeira cogitação do douto julgador.

Não ha **acção viavel** sem **objecto possivel**; e só o faz possivel o Direito, **permittindo-o** e cobrindo-o com a sua poderosa égide.

Da parte dos Auctores transparece, flagrante, o reconhecimento de que esta era ... «a casca da laranja» da sua acção.

... Porque, sendo muito o valor scientista do illustre patrono dos Auctores, elle se limitou a cobrir, n'este campo, a causa dos seus clientes com a **auctoridade** do pouco que, realmente, se tem **escripto** e **julgado** em contrario.

Argumentos de **auctoridade**, por mais qualificados que sejam, não se sobrelevam á **lei**, nem fazem dobrar a **razão**.

A **materia** está na **téla** da **discussão**; é, e continuará a ser, uma questão sempre nova e interessante e que, já agora, não liquidará sem que uma **disposição legislativa** a resolva.

... E **como será resolvida**, não é licito avental-o, attenta a **evolução**, por que está passando o nosso Direito e as **contradiecções** de principios, já precedentemente frisadas, que se dariam entre diferentes disposições do Código, se vingasse a doutrina dos que sustentam essas tão problematicas immunidades dos **herdeiros legitimarios**.

*
* *

A *condemnação solidaria* em *custas* é — salvo o já professado respeito — uma **grande illegalidade** da veneranda sentença appellada.

A **solidariedade** vem da **lei** ou da **convenção** expressa.

Ora, em materia civil, a lei manda condemnar em *custas* as partes que decahirem (Cod. do Proc. Civ., art. 104.º).

Assim era já no direito romano: — *omnis litigator victus debet impensas*.

A **condemnação** é **pessoal**, *pour leur part et portion, et non solidai-
rement pour la totalité*, segundo os dizeres de ROGRON commentando o art. 130.º do Cod. do Proc. Civ. Francez, fonte do nosso (Vidè *Obrigações solidarias*, do sr. dr. Barbosa de Magalhães, n.ºs 21 a 23 e n.ºs 314 a 320).

Claro é que os Réos Appellantes esperam, e muito confiadamente, mais do que isso; mas, pelo menos, n'esta parte, seja-lhes licito affirmar que teem como **certa** a **revogação** da sentença appellada.

*
* *

Percorrendo o processo, tambem não se encontra prova de que os Auctores Appellados fizessem, na respectiva **repartição de fazenda**, a **participa-**

ção da transmissão, que pretendem haver-se operado a favor d'elles, por morte de seu filho Antonio.

Na hypothese, tratar-se-ia d'uma **successão legitima**, em que seria **cabeça de casal** o Auctor, embora não ficasse na **posse** da **herança**.

Claro é que — vindo a juizo lançar a **tentativa** de fazerem vingar essa hypothese — deviam elles começar por mostrar **regularisada** a sua **situação** perante a F. N., como prescrevem os artigos 30.º e seguintes do citado Regulamento de 23 de dezembro de 1899.

Sem satisfazerem essa **obrigação** e, até, sem mostrarem **assegurado**, por meio de **hypotheca ou fiança**, o pagamento da respectiva **contri-
buição**, com referencia a toda a importancia, em que computam a herança, não poderiam **intentar** em **juizo a presente acção**, relativa á petição da mesma **herança** (Vidè commentario ao art. 83.º do precitado Regulamento, pelo sr. dr. Assis Teixeira, pag. 188 *in fine*). ¹

Mais uma razão, pois, da **nullidade** da presente acção.

VIII

Conclusão

E' tempo de pôrmos fecho ás nossas considerações.

Longe e muito longe poderíamos ir, ainda, porque a materia é vasta e varia de

¹ Assim foi julgado, tambem, n'este venerando tribunal da Relação, por Accordão de 18 de fevereiro de 1908, entre partes Nuno Rodrigues Pinto e Chrispim Rodrigues Pinto e mulher, de Vizeu.

aspectos, e quem nos lêr, necessariamente, ha de reconhecer que dissemos, apenas, o indispensavel.

... Em todo o caso, os Réos Appellantes, contando com o douto supprimento d'este venerando tribunal — ficam aguardando, serenamente, a **revogação da sentença appellada**, ou seja decretando:

— a **nullidade da acção** pelos differentes **vícios** de que ella enferma; ou, pelo menos,

— a sua **improcedencia** por **falta de base juridica** e, até, de **prova sufficiente** dos seus **fundamentos**.

Impõem-no o respeito pela **liberdade contractual** e, até, pela **moralidade**; porque os expedientes, a que ahi se recorreu e as scenas, que ahi se desenrolaram, nem parecem de quem tem nas veias o mesmo sangue, nem de quem invoca o sagrado nome de **pae**, tão conspueadoras ellas são para a memoria do **filho**! . . .

Justiça, senhores, justiça e legalidade.

E' o que os Appellantes pedem e esperam, animados da maior confiança.

O advogado:

Luiz José de Abreu do Couto de Amorim Novaes.

biblioteca
municipal
barcelos



57296

Minuta de appellação por parte
de Francosco Gonçal...